

— Meu pai? — O professor Mainshtain hesitou. — Não adianta, só o reitor Angre pode ordenar que ele suspenda a "Lei da Proibição". A menos que o reitor autorize, ninguém mais tem esse poder. — Mas esta é uma situação de emergência! — O professor Schneider bateu o punho na mesa da reunião. — Uma invasão de dragões! Isso nunca aconteceu desde a fundação da Escola Kassel! — Ainda não recebi autorização do reitor Angre, mas se o "Vigia Noturno" suspender a "Lei da Proibição", teremos centenas de alunos com suas habilidades liberadas como força viva! — Então, Mainshtain, por favor, peça ao "Vigia Noturno" para suspender a "Lei da Proibição". Só por esta noite, está bem? — Schneider fixou os olhos nele. Mainshtain ficou em silêncio por um longo momento, até suspirar e pegar o celular. — Tudo bem, mas só posso tentar. Se ele recusar, não há nada que eu possa fazer. — Se pelo menos apresentarmos a proposta... — disse Schneider, firme. — Tenho certeza de que o "Vigia Noturno" saberá julgar. A chamada tocou sem resposta. Mainshtain abaixou o telefone, balançando a cabeça. — Não sei com quem ele está falando. Ou talvez só não queira atender. No sótão sob o campanário da igreja, a tela exibia o clássico faroeste de 1952, Matar ou Morrer, com o herói solitário Gary Cooper marchando pela poeirenta cidade do Velho Oeste. — Ei, Angre, ouvi dizer que você planejava analisar o frasco ósseo de Norton hoje, não é? Vestindo uma camisa xadrez, um chapéu de cowboy e botas antigas com esporas reluzentes, o velho Vigia Noturno estava estirado no sofá, com os pés para o alto e uma cerveja na mão, enquanto uma vela queimava silenciosamente ao lado. Ele tomou um gole antes de responder: — Você sabia que a invasão dos dragões também é hoje? — perguntou, relaxado. — Coincidência? — Não sei, mas a análise continua como planejado. Uns poucos não vão causar muito estrago. — A voz de Angre vinha pelo telefone. — Ainda assistindo Matar ou Morrer? Depois de tantas vezes, não enjoa? — Sei que velhotes como você não gostam de filmes cheios de ação! — resmungou o cowboy. — Comparado a isso, prefiro Perfume de Mulher, com Al Pacino — respondeu Angre, sereno. — Seu velho galanteador — o cowboy riu, mas então a voz de Angre ficou séria: — Olha, meu velho, suspenda a "Lei da Proibição". O Vigia Noturno sentou-se de repente, a expressão endurecendo. — Você está falando sério? — Os príncipes dos dragões estão despertando. Não seria bom deixar os jovens se prepararem para a batalha? — Mas as habilidades são como demônios numa garrafa. Soltá-los pode dar poder, mas nem sempre é algo positivo. — Aqueles que têm sangue de dragão já usam forças demoníacas para combater demônios. — A voz de Angre era firme. — Este é um tipo de noite que nós dois não conseguiremos conter sozinhos. Precisamos dos jovens. Houve um longo silêncio antes do Vigia Noturno responder: — Tudo bem, mas temporariamente. Cuide bem dos seus alunos. Ele desligou a TV e ficou sentado no sofá, apenas a luz da vela iluminando seu rosto envelhecido. Alguns minutos depois, ele se levantou e soprou a chama. Com o desaparecer da luz, uma poderosa energia que envolvia toda a Escola Kassel se dissipou. Nas profundezas do subsolo da biblioteca, as telas do sistema central exibiam dezenas, centenas de feixes prateados e azuis subindo lentamente - o poder ancestral despertava. Os alunos se agitaram. Suas habilidades, reprimidas por tanto tempo, renasciam. Quase no mesmo instante, Yude Máia, escondida nas sombras, saltou. Enquanto murmurava palavras ancestrais, sua figura escureceu cada vez mais, até se tornar como tinta negra. — Habilidade: Sombra Errante! Ao tocar o chão, sua presença se dissipou como manchas de tinta lavadas pelo papel. Ela desapareceu. Lao Tang descia pela chaminé da biblioteca. Para alguém com tanta agilidade como ele, isso não era problema. Ele não sabia onde ficava o Salão de Odin, então confiava na sorte, como sempre. — Me dá uma força aqui, hein? Quando o alarme tocou, ele avaliou rapidamente a situação. Chegar ao Salão de Odin pelo nível do solo seria impossível. Mesmo sem os alunos em alerta, ele dificilmente encontraria o caminho. Decidiu entrar no prédio. Pelo menos lá dentro teria mais lugares para se esconder. Saiu da lareira e viu prateleiras até o teto, cheias de livros encadernados em couro: Estudo Mitocondrial dos Dragões, Teoria dos Pares de Bases dos Dragões, A Ossatura dos Dragões: A Superevolução dos Répteis. Na mesa, ao lado da lareira, havia um grande volume: Dungeons & Dragons: Guia para Iniciantes. — Olha só, essa escola é mesmo um antro de malucos — resmungou. — Mas tem D&D? Agora gostei! Ele também era fã da franquia Dungeons & Dragons. Nos fins de semana, quando não estava em missões, ele mestrava partidas num café no Brooklyn. Se faltassem jogadores, ele até interpretava goblins. — Ser sempre goblin é

um pouco humilhante — pensava, vez ou outra. Mas nem seu amor por fantasia o preparou para um lugar onde o estudo dos dragões era levado a sério, e em grande escala. — Isso aí! Minha sorte não falha! — comemorou, baixinho. Na entrada da sala de leitura, um tesouro: um mapa público, aberto sobre um cavalete. Na vitrine ao lado, uma espingarda de cano serrado parecia em perfeito estado. A biblioteca estava silenciosa, sem guardas. Talvez por não haver nada importante ali. Para alguém perdido como Lao Tang, era a chance perfeita de estudar a rota. Era um mapa completo do campus, parecia que essa faculdade não tinha noção de sigilo. A estrutura inteira estava detalhada, incluindo a função de cada prédio e até passagens subterrâneas. Lao Tang assobiou de admiração. — Esses fãs de jogos de fantasia são bem atenciosos... De repente, ele percebeu algo importante. — Espera aí... passagens subterrâneas... Uma das passagens levava direto da biblioteca onde ele estava até uma área marcada em vermelho: "Câmara Frígida", com uma anotação ao lado: "Nome oficial: Galeria de Equipamentos de Alquimia e Espécimes Importantes". — Puta que pariu, isso aqui tá fácil demais! — Lao Tang pulou de animação, sem entender por que pagariam tanto por uma missão tão simples. — Meio milhão de dólares no bolso! Mas ele ficou ainda mais confuso sobre o contratante. A "Câmara Frígida" parecia apenas um museu importante, com quatro ou cinco acessos subterrâneos. — Qualquer um conseguiria achar esse lugar... — resmungou. — Mas fodasse, trabalho ruim é trabalho, desde que pague bem. Feliz com a perspectiva do dinheiro, ele encheu o copo de refrigerante, dobrou o mapa e enfiou no bolso de trás. Pegou a espingarda de cano serrado do expositor e verificou: dois cartuchos carregados. — Arma e fogo, a paixão dos homens! — Ele assobiou, sentindo que estava com a sorte a seu favor. Enfiou a arma no cós da calça e seguiu em direção à passagem subterrânea. O mapa indicava que o caminho passava pela "Sala de Controle do Sistema Central", com um nome ao lado: "Norma". — Que porra é essa, "Norma"? — Ele pensou em D&D, imaginando um tesouro escondido com um nome épico tipo "Câmara do Tesouro do Rei Dragão". — PÁ! — Fez um gesto dramático de sacar a arma. — Se for um chefão, eu meto bala! Agora animado, Lao Tang andava pelo salão vazio da biblioteca como se fosse um passeio no parque. --- Grupo B controlava firmemente o Salão Odin. Era formado por alunos do segundo ano, muitos deles convidados por César para o baile no Salão Âmbar. Metade usava trajes de gala clássicos: ternos pretos ou vestidos longos brancos. As garotas tinham os cabelos presos, com o pescoço exposto, fones de ouvido sob as madeixas e submetralhadoras Uzi nas mãos. Os vestidos esvoaçantes contrastavam com as pistolas presas às coxas desnudas e os saltos altos cravejados de strass. — Isso sim é elegância gótica! — O vice-presidente do Conselho Estudantil, Karl, ajustou os óculos enquanto observava os vestidos balançando no vento. Oito calouros posicionados nas portas da frente e de trás, outros oito nas laterais, além de guardas nas janelas e no segundo andar. Todos armados, prontos para contra-ataque. — Por que só estão colocando alunos do segundo ano aqui? — reclamou Kevin, outro membro do conselho. — O Salão Odin é um ponto estratégico para as Três Deusas! — Relaxa, o Professor Schneider não erra. São só do segundo ano, mas César está no comando. No centro do salão, César Gattuso, líder do Conselho Estudantil, estava sentado. Ele usava um terno branco, com os pés cruzados, totalmente despreocupado. Na altura dos joelhos, repousava sua faca de caça Dictador, enquanto a pistola Desert Eagle ficava no assento ao lado, a imagem de um anjo da morte gravada na empunhadura. Parecia que ele nem estava preparado para um possível ataque.

Capítulo 39 - Ato 38: O Véu (Parte 1) — Chefe, o que ele tá fazendo? — Kevin sussurrou, segurando a Uzi. — Meditando. — Karl respondeu com confiança. — Líderes ficam calmos, mesmo sob pressão. — Faz sentido. César mascava um pedaço de carne seca levado do baile, de olhos fechados. Um leve sorriso apareceu em seus lábios. Ele ouvia claramente cada palavra, cada movimento dentro e fora do Salão Odin—insetos no ar, batimentos cardíacos, até os passos de doze intrusos entrando em seu território. Habilidade: Açores César abriu os olhos e olhou para o pódio sob a estátua de Odin antes de ligar para alguém. O telefone atendeu, mas não havia resposta do outro lado. — Chu Zihang, o que você está fazendo? Por que não fala? — César sorriu. — Não tenho nada pra fazer. Só esperando. — A resposta foi seca. — Meus convidados chegaram. E os seus?— Ainda não sei, mas o que tem que vir, vem. Tenho um pressentimento.— Quem vai acabar primeiro? Que tal apostarmos para deixar essa festa animada? — perguntou César, provocante.— No Dia da Liberdade você perdeu

seu carro esportivo, eu perdi minha espada. Ambos ainda não entregamos os prêmios ao vencedor, Luming Fei. Pra que continuar apostando? — A voz fria de Chu Zihang ao telefone soou como metal batendo.— Errado. Meu Bugatti Veyron já está com Luming Fei — respondeu César, orgulhoso, como se tivesse ganho essa pequena disputa. — Falta só sua "Chuva da Vila".Chu Zihang ignorou o comentário e desligou o telefone.— Que sujeito sem graça — assobiou César, aborrecido.Ele inclinou a cabeça novamente, fechou os olhos e apoiou a testa na mão.[...]— Irmão...Lao Tang deu um salto. Ele caminhava por um corredor metálico escuro, iluminado apenas pela tela do celular, quando ouviu uma voz vindo da frente. Aquele som lembrava a criança que costumava aparecer em seus sonhos.Imediatamente, ele se agachou e cobriu a tela do telefone com a mão, mergulhando o corredor na escuridão total.Movendo-se sem fazer ruído, avançou mais alguns passos. A menos que alguém tivesse visão noturna infravermelha, ninguém conseguiria localizá-lo.No corredor, só se ouvia o zumbido monótono de um ventilador girando.— Porra de ventilador num corredor todo de metal! — resmungou Lao Tang, irritado. O barulho constante estava mexendo com seus nervos.Junto com aquela voz infantil estranha, o lugar parecia cada vez mais sinistro.— Para de frescura, Ronald Tang — tentou se acalmar. — Enquanto não acreditar nessas bobagens sobrenaturais, você é invencível!

<http://portnovel.com/book/20/3430>